

---

## Sotto voce [Em voz baixa]

*Anna Maria Maiolino\**

---

Meu pseudônimo é Anna.

Eu sou uma das sete irmãs das Plêiades que habitamos a Constelação de Touro.

No céu sou uma e sou muitas e como humana sou tudo e não sou o nada.

Cada ato que executo é o fiel presságio de outros que no futuro se repetirão.

Busco em cada palavra o peso, a intensidade, as presenças de certezas.

Mas quais certezas?

Tu não achas que há algo errado com as certezas?

+

Silenciaram as mulheres no dia que a lua menstruou e guardaram em segredo o líquido vermelho no interior do próprio corpo.

Sim, o real é também intangível.

Somente o que conta na história do extraordinário é a mãe fértil que habita os territórios das emoções.

---

\*Anna Maria Maiolino é artista brasileira, vive e trabalha em São Paulo. Nasceu na Itália, viveu na Venezuela e em 1960 mudou-se para o Rio de Janeiro. Em seu trabalho utiliza diversas mídias como instalação, escultura, performance, desenho, pintura, filme super 8, vídeo, fotografia e som.

É aí que se encontra a fala.

Mas, eu calo, e deixo a menina da minha infância construir meu devir outro,  
aquele de artista.

A criança que me habita ouve os sussurros imperceptíveis das pedras que falam,  
e interpreta-os para mim

+

A lua existe somente quando a vejo.

À sua vista soma-se todas as anteriores visões de luas do passado.  
Todas, desde aquelas da mais tenra idade, lá, a beira do mar mediterrâneo.  
Se houver bom tempo, fiel, ela me acompanha no alto de todo novo céu.

Ela é viajante como eu.

Calo.

Ao luar meus pensamentos caminham mais rápido que as palavras fora do tempo-espaço.

Ela mutante, a eterna morta, ressuscita ao anoitecer todos os dias.

O sortilégio do mal de lua torna meu pensar lobisomem.

Enfim, adormece e livre sonha coisas deste e de outros mundos.

+

Nada é ideal.

Todavia minha alma faísca anseio de paixão e beleza.

Procuro-a na memória análoga à vida.

Nas lembranças vividas do passado encontro guerras e catástrofes.

As incansáveis Parcas seguem tecendo nosso destino no fuso da vida.

O fedor da morte e o medo cobrem a cidade.  
Igualdade, fraternidade são utopias reinventadas pela esperança.  
Vive-se na impotência.  
Há homens, mulheres e crianças caminhando na linha do horizonte.  
Um; nenhum; cem mil....  
São imigrantes.

+

Os mares Egeu e Mediterrâneo tornaram-se grandes cemitérios de náufragos.  
Os desesperados tentam chegar a salvo ao outro lado da bacia mediterrânea.  
O cobertor azul das águas agasalha todos os inominados.  
Ninguém reclama os corpos dos afogados.  
O que fazer?  
Agora não há nenhum lugar seguro para ficar.  
O que fazer?  
Eles escondem os rostos debaixo de máscaras,  
numa realidade não humana de violência utilizam as foices sem piedade.  
Há inúmeras cabeças degoladas por toda parte, separadas dos corpos sacrificados.  
Hai de nos!  
Lembra-se que depois de Auschwitz prometemos:  
Nunca Mais!  
Nunca Mais....

+

À distância,  
ouve-se lamentos.

Não obstante,  
o grito mais forte é o silêncio diante do pão empapado no sangue dos inocentes.

Alhures a loucura tomou conta da terra.

Ódio, Violência.  
Pobres mulheres,  
portadoras de vida.

Elas escondem-se sob o véu, proibidas de mostrar o corpo, os olhos.

A voz delas não pode ser ouvida.

Temos que respeitar a Lei.  
O castigo divino é indiscutível!

Dizem eles, os homens.

Ela pecou!  
Que seja apedrejada!

+

Eu sou uma anciã guardiã de todos os presentes.  
Carrego por certo que, é o afeto o elemento colante dos escombros das almas.

Amparo-me nos sentimentos.

Ando na contramão numa nostalgia sem fim entre o antes e o agora.

Por favor meus filhos,

quando eu morrer enterram-me em cova rasa,  
facilitem o trabalho dos detritívoros em transformar-me em húmus fértil,  
em outra natureza.

Assim,  
convertida em adubo, alimentarei o jasmim que cresce debaixo da janela da criança recém-  
-nascida.

31 de agosto 2016, Anna Maria Maiolino